

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Flávio Henrique Marcolino

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Entrevistadora e entrevistado se conhecem há duas décadas. Trabalham na mesma escola, ela como professora de história e ele como professor de desenho no curso técnico. Em 2014, o curso de metalurgia ia fazer 40 anos. A Resolução nº16 de 13 de fevereiro de 1974, da Secretaria da Educação autorizou a instalação de uma classe de 1ª série do 2º grau no Ginásio Industrial Estadual Trajano Camargo. Como fonte (depoimento de história oral), para um projeto de pesquisa em andamento sobre as habilitações técnicas de 2o. grau, nos anos 1970 e como conteúdo da comemoração, foi realizada essa entrevista. O professor foi homenageado na sessão comemorativa, juntamente com os representantes das três empresas parceiras de metalurgia: Gachet, Fundimazza e Furlan.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: sala de reuniões da Etec Trajano Camargo, Rua Tenente Belizário, 439, centro, Limeira/SP

Data: 16 de julho de 2014

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 35 minutos (vídeo um de 11:16 e vídeo dois 23:55)

Número de vídeos: 02 (dois)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

Flávio Henrique Marcolino foi aluno do curso ginásial e da 3a. turma (1976-1979) do técnico em Metalurgia. Desde dezembro de 1979 (até hoje) é professor da escola Trajano Camargo. Foi coordenador de metalurgia, durante alguns anos. Ele contou sobre as disciplinas, os professores, a precariedade do laboratório, as práticas pedagógicas, as características de sua turma, o cotidiano escolar, as concorridas festas juninas, a exigência do uniforme nas aulas de educação física, o respeito devido aos professores. Destacou as doações de empresas para a montagem do laboratório e as oportunidades de trabalho para os concluintes de metalurgia.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 27 de julho de 2014

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

MAGB: Hoje é 16 de julho de 2014. Nós estamos na sala de reunião da Etec Trajano Camargo e vamos colher depoimentos do Flávio Henrique Marcolino que foi aluno dessa escola, no ginásial, estudou no curso de metalurgia e é, desde 1980, professor da escola [corrigindo: dez. de 1979]. Então ele pode começar. A gente pensou em falar a respeito dos alunos, da grade curricular e das oficinas da escola. Então podemos começar [pausa]. Flávio, pode começar. Aqui, como é o negócio de memórias, você vai falando, sem muita preparação. Vamos lá ver o que é que você consegue lembrar do seu tempo de estudante.

FHM: No tempo de aluno do Trajano lembro bastante das aulas de Educação Física. Naquela época, tinha que vir com camiseta cavada, shorts branco. As meninas tinham uniforme. Fazíamos aqui inclusive na quadra da escola. Tínhamos aulas em duplo período - manhã e tarde e havia a opção na área de mecânica ou desenho técnico ou a oficina, as aulas de oficina. Isso começou na 5ª série, na época era 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série. Naquela época, também o centro cívico era muito legal porque o pessoal era bem participativo. Tínhamos festas juninas aqui, excelentes, todo mundo colaborava. Eu lembro que íamos retirar as doações feitas, por exemplo, a pinga para fazer quentão a gente ganhava, a salsicha pro cachorro quente a gente ganhava. Então era muito divertido. A escola ficava toda decorada com bandeirinha, bambu e tal. Mas era muito divertido. O centro cívico, naquela época, era muito combativo. O respeito

também com os professores era bem diferenciado. A gente tinha até um pouco de medo, né. Os professores, naquela época, a gente respeitava muito mais. Hoje, não tenho muito problema de disciplina com os meus alunos, mas naquela época era diferente. Gostava também da cantina. Tinha um pastelzinho assado excelente que a dona (esqueci o nome dela, o Zé deve lembrar) mas era muito legal. Nessa época também começou o grupo Avena e a gente assistia a alguns ensaios deles no salão social. Aí terminamos a 8ª série. Começou o 1º colegial. Naquela época, na minha turma, foi 4 anos.

MAGB: Você para entrar na 1ª série do ginásio tinha exame, para entrar no técnico tinha exame. Isso é importante falar e se você lembrar das matérias.

FHM: Lembro também que existia uma prova classificatória aí pra gente ingressar no curso técnico. Era rodada inclusive aqui na escola mesmo. Tinha um mimeógrafo muito antigo à tinta. E a prova era rodada ali. Qual o conteúdo dessa prova? Era matemática, tinha um pouco de biologia, tinha um pouco de português, tinha um pouco de história. Era assim um mini vestibulinho. Era aplicada essa prova aqui na escola mesmo. Quem conseguia classificação era atendido com a opção ou desenho ou mecânica, o curso técnico, na época. Na minha época, tinha metalurgia, tinha técnico mecânico, tinha economia doméstica pras meninas, tinha eletrotécnica, tinha desenho, ferramentas e dispositivos, tinha nutrição nessa época também. Eu acho que eram essas as opções. O curso era de 4 anos. Eu me lembro bem que no 1º ano, que era o 1º colegial, era básico. Não tínhamos matéria técnica. A matéria técnica começou a entrar do 2º ano pra frente.

MAGB: Você lembra de professores? Quais as disciplinas que tinha?

FHM: Tínhamos alguns mestres. Deixa tentar lembrar de alguém lá no colegial. No colegial, por exemplo, uma professora de química que nunca vou esquecer na vida, Maria Inês Cassab, excelente. Outra professora que não esqueço nunca, que é a Darli que dava aula de biologia. Tinha física, quem dava era o Daniel Peruzza, matemática, o saudoso e grande amigo Zacharias. Na parte técnica, tinha, principalmente na área de metalurgia, o pessoal da engenharia de São Carlos. Eles faziam engenharia de materiais lá e vinham aqui no Trajano ministrar algumas aulas. Mas me lembro do pessoal de Limeira que foi mestre, Antonio Vanderlei de Quintal. Quem mais?

MAGB: Alguém morreu?

FHM: O saudoso Zacharias, né. Darli, Maria Inês Cassab, Elisa Stahlberg também me deu aula.

MAGB: Você lembra o nome de algumas disciplinas?

FHM: Olha, a parte técnica eu lembro de algumas disciplinas. Nós tínhamos a prática e fundição que, na época, quem ministrava, essa aula era o sr. Ariovaldo Vitzel. Ele era de Rio Claro. Tínhamos uma outra matéria que chamava-se beneficiamento dos metais, tínhamos conformação mecânica. Essa matéria também era ministrada pelo Guilherme de Barros Camargo, saudoso Guilherme. Desenho era o Quintal que dava. O professor Ari José Rigatto também trabalhava, nessa época, como professor de desenho. Ah, quem mais dava aula? O pessoal de S. Carlos eu não me lembro muito bem. Eu lembro que o Lineu - não vou lembrar o sobrenome, trabalhou muito tempo na Varga. Ele ministrou, algum tempo, deu aula na área de metalurgia, muito pouco tempo. Infelizmente. Não lembro de mais ninguém.

MAGB: Você lembra assim as notas, existiam provas, notas?

FHM: Ah sim. Tem um grande amigo, professor que lecionava organização e normas. Era o professor José Henrique Heydman Jr., André Fior Jr. também nessa época ele dava aula de tecnologia mecânica, talvez.

MAGB: Flávio, você se lembra como é que era a promoção, provas? pausa – sinal sonoro] Continuando aí. Nós estávamos falando se você se lembrava qual era o critério de aprovação, se muita gente desistia, porque será que os alunos desistiam, se tinha mulheres. É um dado interessante – metalurgia era basicamente um curso masculino.

FHM: Na metalurgia, o curso técnico, a predominância era masculina, mas na minha turma, por exemplo, tinha 4, 5 meninas. Era a Tânia, era a Carmem, era a Sônia, a Rita. Não vou me lembrar da 5ª, mas tinha de 4 a 5 meninas na minha turma. A desistência talvez, o abandono, como se chamava na época, eu acho que as oportunidades eram mais escassas, mais difíceis de aparecer, naquela época. Então, às vezes, por uma escolha não muito apurada entrava ou no curso de mecânica ou

no curso de metalurgia porque todo mundo queria uma colocação na indústria, tá, todo mundo tentava um emprego na indústria porque não tinha uma outra opção, né.

MAGB: E quais indústrias você se lembra que tinha na cidade?

FHM: Nessa época, a Rocco ainda tava em atividade, Máquinas D'Andréa (inclusive lá fiz meu estágio), a Fumagalli era uma fábrica de rodas que estava crescendo muito na época, tinha a Varga, tinha a Newton. Há...

MAGB: Lucato?

FHM: Sim, na parte agrícola tinha Lucato. Furlan já tinha nessa época, Zaccaria. Então a colocação era na indústria ou uma carreira acadêmica, talvez. Mas a grande procura, a grande formação técnica acabava sendo absorvida pela indústria, não tenha nem dúvida [pausa].

MAGB: E desses que se formaram com você o que é que eles fizeram depois?

FHM: Nossa! Da minha turma.?

MAGB: Desses que se formaram com você, que você tem conhecimento próximo, na frente, anos antes?

FHM: Na minha turma, faz bastante tempo, o pessoal se dispersou. Lembro muito em do Gerson Pinarel que trabalhou muito tempo na Varga, não sei se o Gerson chegou a se aposentar na Varga. Quem mais tinha, na minha área que trabalhou? Não vou conseguir lembrar. Lembro do Gerson Pinarel. A Tânia acho que trabalhou também algum tempo na Varga. Não vou conseguir lembrar onde é que esse pessoal, porque cada um procurou um caminho diferente. Ah, tinha bastante gente de fora, tá. Tinha os alunos de Engenheiro Coelho, Artur Nogueira, desde aquela época, tinha alunos de Cordeirópolis. Então, realmente, nós perdemos o contato. Eu não me lembro mais.

MAGB: Tá, OK. Você pode falar do seu tempo que foi coordenador, 10 anos, do curso de metalurgia, professor desde 1979. O que você teria a dizer desde 79, digamos assim, quando passou, 93/94, passou pra Paula Souza. O que pode perceber em

termos, talvez, de equipamento de laboratório, de aluno ou de grade curricular. Tem uma coisa que possa fazer uma comparação, desde o final dos anos 70 até o início de 90, esses 15 anos, aí? Não?

FHM: Quando era aluno na metalurgia, tudo era muito difícil, tá, não tinha verba, o dinheiro era muito escasso, a APM não era tão forte como é hoje. Eu me lembro que tudo era adaptado. A gente tinha um forno a óleo, trabalhávamos com um óleo baiano, um óleo queimado, tá. Era o forno de poço que a gente conseguia liquifazer o alumínio. E a gente tinha lá a moldação em areia verde, tá. A gente fazia tudo isso manual. Tínhamos o misturador de areia, tínhamos uma máquina de shell, na época. Algumas máquinas foram se deteriorando, quebrando. A manutenção não tinha nessa época. A gente tinha que fazer alguma coisa. Terminando o curso de metalurgia eu fui fazer a minha especialização. Fui fazer a Fatec. Fui fazer minha licenciatura. E aí assumi a coordenação do curso. Voltei dando aula no curso de metalurgia e assumindo a coordenação. Fui coordenador de curso, acho que 8 anos ou 10, eu não me lembro. Em determinado momento, eu comecei a pedir doação, tá, a todas as empresas aí que a gente atendia. Tínhamos alunos, naquela época, da Pirelli, tínhamos alunos da Caterpillar, tínhamos alunos da Varga, tínhamos alunos de grandes empresas da região. Então foi que comecei a pedir, por intermédio desses alunos, algum tipo de doação. As bancadas de lixamento que eram todas manuais, nós conseguimos a doação de um microscópio metalográfico da Bosch, nós conseguimos uma lixadeira mecanizada pra fazer corpo de prova, na época, que foi uma doação da Pirelli e nós fomos incrementando o laboratório com doações porque o investimento no ensino técnico, essa época, era muito pequeno. A gente tinha que fazer a coisa acontecer. O laboratório foi aumentando, foi crescendo e, num determinado momento, quando saímos da gestão da Secretaria da Educação e passamos para a gestão Centro Paula Souza, começou a chegar material na escola. O investimento começou a ficar maior aí na área técnica. Foi onde nós começamos a receber, eu lembro bem que a mecânica recebeu um torno automático, uma simulação de um CNC para você fazer um tipo de programação, a metalurgia acho que recebeu policorte. Ah, não podemos esquecer da doação, na época, agora me lembrei, de Máquinas Chinelatto. Doou duas moldadoras, tipo squeeze. Roque Fundação doou uma outra máquina para moldar automatizada, uma outra squeeze, que acho deve estar até hoje no laboratório. Aí, o Centro Paula Souza começou a investir. Começou a vir uma verba destinada aos cursos. Era dividida. Na época, tinha metalurgia, tinha eletromecânica, já tinha saído de eletrotécnica para eletromecânica, mecânica, aí já

tinha o curso de nutrição, tinha o curso de química. Então a verba era dividida. Tinha um pouco para cada um e a gente ia administrando isso da melhor forma possível. Aí começamos também divulgar a APM e conscientizar os alunos com relação a APM, que a colaboração mensal ou anual ou semestral, pelo pouco que fosse, era de grande importância. E com toda essa dificuldade íamos ampliando, comprando, mantendo, consertando, aproveitando o que dava e tocando o curso pra frente. Eu acho que, em 2009/2010, talvez, não me lembro muito bem, aí começou um investimento, começou a compra de material mais pesado, ferramental mais significativo. Aí, o Centro Paula Souza começou a investir na área técnica, né. Aí, o nosso laboratório recebeu mais microscópios metalográficos, recebemos cut off, umas duas ou três cut off, aí – ela corta material para a gente fazer análise metalográfica, embutidoras de baquelite. Começou a enriquecer muito o laboratório de metalografia. Na parte de fundição, conseguimos, com uma produção escolar, fabricar um forno. Ele era um forno a gás. Tínhamos programas também - um volume de gás, até que nós fizemos aí um contrato com a Consigás, né, aqueles reservatórios maiores eles eram abastecidos porque o recurso que a gente tinha na fundição era o forno a gás, que foi inclusive produzido aqui na escola. Nós fabricamos esse forno. Ele foi muito eficiente, por um bom tempo. Nesse período, terminou minha gestão como coordenador e quem assumiu logo depois foi o professor Expedito, tá. Daí o Expedito continuou, ele deu continuidade ao meu trabalho, tá, de uma forma excelente também. Começou também a colaboração da APM ser mais significativa. O dinheiro começou a ser investido em todas as áreas na medida do possível. O Centro Paula Souza continuou enviando material, material de consumo e isso veio enriquecendo cada dia mais o curso de metalurgia e das outras áreas também. [pausa]

MAGB: Como que você avalia então... agora eu tava vendo que vocês estão fazendo algumas modificações na oficina. Quais seriam assim pontos negativos da oficina e o quê vocês têm, como é que você acha, como estão as condições da oficina, o uso dela. E depois você fala um pouquinho dos alunos. O que você acha?

FHM: Só complementando, porque é bastante coisa: na metalurgia quando eu falo que o Centro Paula Souza começou a investir, hoje, por exemplo, eu acabei me esquecendo do forno elétrico que chegou pra nós. Isso aí foi um grande avanço e também um investimento na área de ensaios, tá. Hoje a gente tem máquinas de tração, tá, nós temos a máquina de ensaios de compressão, de tração, durômetro (deixa ver se fiz alguma anotação aqui para que eu não pudesse esquecer, tá), tem

aí a máquina que faz o ensaio impacto, tá. E veio a enriquecer também a área de ensaios destrutivos e não destrutivos, tá. Então, no meu ponto de vista, o curso de metalurgia é um dos cursos muito bem equipado, tá, para que a gente tenha aí a formação técnica de um profissional, aí, de uma boa qualidade, não tenha nem dúvida.

MAGB: E a absorção e o mercado de trabalho? O mercado de trabalho é amplo, restrito, está oscilando?

FHM: O mercado de trabalho na área de metalurgia, eu sempre faço esse comentário com meus alunos ou com os alunos quando a gente recebe os primeiros ciclos, aí. O curso de metalurgia ele é bastante promissor porque é o único curso num raio de 100km, 150km que o Trajano Camargo oferece em Limeira. O Trajano Camargo oferece o curso de metalurgia. Então, veja a gama de cidades de onde a gente recebe esses alunos, tá: Cordeirópolis, Araras, Engenheiro Coelho, tem um aluno de Campinas, Sumaré, tem aluno de Sta. Bárbara D'Oeste, tem aluno de Itapira. Gente, Itapira é 80 km daqui, tá. Para um aluno trabalhar na área de fundição, que é um serviço relativamente pesado, ele sai de Itapira viaja 80 km, por exemplo, vem aqui, assiste as aulas até 10h45, 11h que seja e pega uma estrada, é porque realmente existe alguma vantagem em conseguir uma formação técnica nessa área. Se vocês observarem bem o parque industrial dessa região é extremamente grande, então a metal mecânica nessa região ela é muito, muito rica, muito vasta e o técnico de metalurgia, necessariamente, ele não precisa simplesmente trabalhar dentro da fundição, ele tem um leque de opções. Ele pode trabalhar em área de compras, ele pode trabalhar com insumos, ele pode trabalhar comercializando fluídos, ele pode terceirizar a compra de sucata, ele pode trabalhar na área de projeto, modelação. É infinita a área de metalurgia, tá. Então aquele paradigma de fundição, aquele lugar quente, aquele lugar sujo, isso aí é coisa do passado. Hoje uma área de fundição, uma área aonde se trabalha o metal liquefeito ela é limpa tanto quanto uma usinagem, tá. Então, os recursos, os sistemas de qualificação, de ISO que as empresas implantaram, limpa-se até pneu de empilhadeira para circular dentro de uma fundição.

M: Ô Flávio, então é assim olha, e parece que tem uma característica, que o curso de metalurgia ele é basicamente noturno, só alguns tempos que ele foi assim um curso diurno. Isso estaria relacionado porque os alunos eles são trabalhadores ou qual seria uma razão porque é sempre um curso noturno e ainda existe moça fazendo o curso. E por que seria?

FHM: Bom, a área de metalurgia, novamente colocando, é uma área muito promissora, tá. Normalmente, o pessoal que trabalha nessa área precisa de uma qualificação, ele precisa do nível para ter um crescimento dentro da empresa. Todo mundo tá precisando. O nível técnico daqui pra frente é um exigência básica das indústrias, das empresas. O laboratório, por exemplo, de metalurgia de análise dentro de uma indústria, existe uma grande quantidade de mulheres que atuam em laboratórios, tá. Existem uma grande quantidade de mulheres gerenciando fundições. Por exemplo, em Araras, tem uma fundição que se chama Fundição Júpiter. Ela é gerenciada por uma mulher, tá. Os laboratórios aqui, Varga, Furlan existem mulheres. Então, visto essa procura, visto essa abertura na área de metalurgia, a procura pelo sexo feminino aí na área de metalurgia começou a aumentar bastante. E não existe aí uma discriminação na contratação porque a metalurgia, como eu disse, ela não é aquele serviço pesado de antigamente, tá. Hoje, tá tudo mecanizado é uma questão de competência e não é uma questão de sexo pra preparar...

MAGB: E, às vezes, também eu percebo assim que a metalurgia, o aluno, ele fez química pra complementar, ele faz eletro, não é assim? Às vezes, eles não ficam só em metalurgia, é um passo ou ele é um complemento de uma outra licenciatura, de outra licenciatura, não, de outra habilitação que ele fez aqui, do outro curso técnico. Você percebe essas coisas assim? Seria?

FHM: Sem dúvida. Sem dúvida, se a gente conseguir a formação técnica em metalurgia e logo após esse candidato, esse aluno tiver uma oportunidade de fazer um curso de química ele vai unir realmente o útil ao agradável. Por que? Porque existe muita composição de metais na metalurgia. E a química vai abrir muito o conhecimento mais profundo, hã, nessa área de metalurgia. Hã, eu acredito que o técnico ele é uma pessoa, ele é um profissional, ele tem que saber fazer um pouco de tudo, tá. Então se conseguir, na metalurgia ele fizer mecânica, fizer eletro, fizer química, você vai compondo um profissional com diferentes habilidades, tá, você vai completando esse profissional. O investimento, hoje, por exemplo, ficou muito fácil você fazer um curso técnico, as opções são grandes, tá, se você somar metalurgia, mecânica, química e alguma coisa na parte elétrica, você praticamente tem uma grande opção, as suas oportunidades elas realmente serão maiores, tá.

MAGB: Tem mais alguma coisa pra você dizer? Quer falar a respeito de aluno, falar, você já falou bem, falou bastante, o que você quer concluir ou, em termos da escola,

alguma coisa que tá sendo mudada hoje em dia.

FHM: Olha, eu vejo da seguinte... na minha opinião, por exemplo, acho que nunca foi fácil você concluir um curso técnico. Hoje a coisa tá bem mais fácil com 3 semestres. Eu acho que toda oportunidade que for oferecida de um curso de qualidade como é o nosso aqui no Trajano Camargo, e gratuito, eu acho que ninguém deveria perder essa oportunidade, tá. Então se fez metalurgia, porque não fazer aí mecânica, porque não fazer química? Aproveitar essa oportunidade e aumentar o seu conhecimento. Essa é a minha visão com relação ao curso técnico.

MAGB: OK. Flávio, muito obrigada nós vamos fazer o possível, vamos fazer transcrição e vamos ficar registrados pro nosso centro de memória.

Descritores

Técnico em Metalurgia em 4 anos

Prova classificatória para ingresso

Festas juninas

Mercado de trabalho

Flávio Henrique Marcolino

Marlene A G Benedetti

Centro de Memória

Etec Trajano Camargo

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Dados Biográficos do Entrevistado



Fotografia: Marlene Benedetti, em 17/07/2014

Flávio Henrique Marcolino nasceu em 28 de fevereiro de 1961, em Limeira/SP. Fez educação básica: o primário no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o curso ginasial no Ginásio Industrial Estadual Trajano Camargo; o curso técnico em Metalurgia no Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo; o curso superior na Faculdade de Tecnologia de São Paulo, Centro Paula Souza. Trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou: Empresas - entre 1979 -1980: Máquinas D'Andréa e Cia. Agrícola Ometto. Desde 1985, é proprietário da empresa Equipoar Comércio de Equipamentos e Acessórios Ltda - manutenção, vendas e projetos de compressores. Escolas – professor na escola Senai de Limeira (1980-1990), e no Trajano Camargo de dezembro de 1979 até hoje.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, em 31/12/2018

Marlene Aparecida G. Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

Anexos:

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado